



Entretantos, 2014

Grupo: DE LEITURA: CASOS CLÍNICOS DE FREUD ACOMPANHADOS DE COMENTÁRIOS DE LACAN

Integrantes: Ana Maria Leal, Célia Cristina Marcos Klouri, Claudia Justi Monti Schonberger, Cristina Petry, Maria das Graças Amorim da Hora, Maria da Graça Barreto Baraldi, Maria Cristina T. Prandini, Malu Pessoa Loeb, Regina Célia da Silva, Rose Rosseti, Santuza Cavalini e Silvia Regina de A. Telles.

Interlocutora: Maria Cristina Teixeira Prandini

Articuladora da Área de Formação Contínua: Noemi Moritz Kon

“COMENTÁRIO DO TEXTO: “A DIREÇÃO DO TRATAMENTO E OS PRINCÍPIOS DO SEU PODER” DE JACQUES LACAN”

Apresentadora: **MARIA CRISTINA TEIXEIRA PRANDINI**

Gostaria de agradecer e parabenizar a Comissão Organizadora deste evento, bem como o Conselho de Direção do Departamento e Psicanálise, que uma vez mais trazem a público, esta que tem sido a sua marca: a abertura para o diálogo entre psicanalistas, fazendo da transmissão da Psicanálise, uma atividade que se renova e se reinventa.

O grupo que instituímos se reúne quinzenalmente desde outubro de 2011 depois de ter a proposta de trabalho acolhida e viabilizada pela Incubadora de Ideias.

Destacamos a importância deste dispositivo, a Incubadora de Ideias, que possibilita que analistas, na singularidade de seu percurso, encontrem mais um espaço de trabalho e interlocução.

Nossa proposta é estudar Lacan a partir dos seus comentários sobre os casos clínicos de Freud. Os dois casos que escolhemos trabalhar foram o caso Dora e o da Jovem Homossexual.



O eixo desta leitura e reflexão é a direção do tratamento em seus componentes: as entrevistas preliminares, a entrada em análise, transferência, contratransferência, interpretação, finalidade, fim de análise e o desejo do psicanalista.

Num primeiro momento, dois temas ficaram bastante marcados: o lugar que a escrita e o relato de casos clínicos ocupam na transmissão da Psicanálise e na formação do psicanalista e a problematização que Lacan estabelece em torno do conceito de contratransferência.

Consideramos que clinicar e transmitir a clínica se alinham, uma vez que em Psicanálise, os fatos clínicos são construções em que o analista se inclui. Portanto, algumas interrogações se colocam: em que momento o analista se move para escrever ou relatar uma análise que conduz? E com qual objetivo?

Freud deixa isto muito claro: o analista responde pelo tratamento e também pelo avanço da Psicanálise.

Mais do que tomar os casos clínicos de Freud como modelo, consideramos os avanços a partir dos impasses teóricos e clínicos presentes. Neste sentido, a leitura dos comentários de Lacan a respeito de tais impasses, sustenta a nossa elaboração, produzindo efeitos em nossa clínica.

Neste grupo de trabalho, sem necessidade de adesão ao autor, sem ideal de um compartilhamento unívoco, faz-se das diferenças algo produtivo e vigoroso. Portanto, a forma como se discute e se transmite a Psicanálise, diz de uma política e de uma ética, que se fazem presentes também na clínica do psicanalista (Dias, 2013). Ética no sentido que cada analista é responsável pelo seu dizer, que se consolida na presença de seus pares. Política no sentido que as relações engendradas nesta construção não se cristalizam em função de um acúmulo de saber, dado que na Psicanálise, é sempre a partir do que não se sabe que se promovem avanços e mudança de posição.

O texto que escolhemos comentar “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”, esteve presente em nossas discussões e reflexões, de modo que, ao comentá-lo brevemente, falamos também de nosso percurso.

Escrito em 1958, Lacan interroga a prática da Psicanálise e os que a praticam. Interrogações que mantêm o seu vigor e sua atualidade.

Afinal, quem é o analista e o que faz quando faz Psicanálise? (Lacan 1958, 1983). Pródigo em exemplos clínicos, pondo em relevo os fundamentos freudianos, Lacan constrói algumas respostas.

O analista é aquele que dirige o tratamento, não dirige o paciente, o que o colocaria numa função pedagógica. É o que coloca a sua subjetividade a serviço da questão que habita o analisando, pagando com sua palavra e com seu ser. Faz referência à análise do analista, ponto de viragem necessária para que ele ocupe este lugar.

Entre os vários recortes clínicos que aborda, faz uma análise minuciosa do sonho da bela açougueira, enfatizando a descoberta freudiana: o analista não se detém no que o sujeito quer e sim no que quer este sujeito que diz, diferenciando desta forma, demanda e desejo.

Repete de muitas maneiras, que o desejo se revela através da demanda, que é sempre demanda de amor, que deve ser acolhida, não necessariamente respondida, o que manteria a transferência no campo da sugestão. Recomenda ao analista, parcimônia no seu desejo de curar, renúncia a sua necessidade de ser amado e enfatiza: há uma direção política no tratamento que é a mudança de discurso e de posição do sujeito.

Ao fazer uso dos termos tática, estratégia e política, termos habituais quando se fala em guerra e em jogos, Lacan considera que o analista é menos livre em sua estratégia do que em sua tática. A estratégia vem pela transferência, onde o

analisando, portando o seu fantasma fundamental, leva a pessoa do analista ocupar um lugar (Fingerman, 2009).

Portanto, o analista não é livre no jogo transferencial, mas pode e deve se valer de lances, táticas para desvendar a trama que ali se desenrola e aqui fazem parte, desde o ato inaugural de cada análise, que é a sua regra fundamental, a associação livre, as suas intervenções e interpretações.

Ao problematizar o conceito de contratransferência, não nega que ela ocorra, mas interroga o seu uso como operador da análise. Propõe pensar o desejo do psicanalista como uma função que o mesmo ocupa para se encarregar de conduzir a análise à sua finalidade e ao seu fim.

Lacan se disse freudiano até o final de sua vida, o que não é consenso entre os autores que estudam sua obra. O fato é que ele não deixou de ser leitor de Freud e, em alguns momentos leitor entusiasmado, como no final deste texto que comentamos, no qual, de forma poética, prestou uma homenagem a Freud, destacando uma vez mais, a importância de sua descoberta.

Entre nós, neste grupo de trabalho, os efeitos desta leitura tem sido bastante significativos, pela amplitude das questões e contribuições trazidas, pela implicação de cada analista na construção de um saber que vem a público a partir da singularidade de sua clínica e por que não dizer, pela frequência e entusiasmo das discussões.

Estamos encaminhando nosso trabalho para ler e discutir os comentários que Lacan faz ainda ao Caso Dora e o da Jovem Homossexual, presentes no Seminário X “A Angústia”. É um outro momento no percurso teórico de Lacan e ele vai abordar o que chama incidências do Real, nestes acontecimentos que põem à prova os nossos recursos como analistas, que são o acting-out e a passagem ao ato. São impasses da nossa clínica e é necessário pensar do que precisamos nos valer quando não contamos com a potência da interpretação.



Para finalizar, comemoramos a propriedade do título dado a este evento, que nos trouxe ecos de um dito de Lacan: “*O analista se autoriza por si mesmo, entre outros*” (Jorge, 2006, p. 10).

Entre tantos outros

Entre alguns outros

Sabemos que é da decisão e responsabilidade do psicanalista a sua prática clínica, marcada pelo seu estilo, que por sua vez só se sustenta pela sua relação com a Psicanálise e com os seus pares.

Que este encontro seja mais um entre tantos outros, são os nossos votos.



Referências Bibliográficas

DIAS, M. M. Seminário: Fundamentos da Clínica do Psicanalista pelas Psicoses, São Paulo, 2013. Anotações a partir de comunicação feita no seminário.

FINGERMAN, D. Estratégia da transferência – Tática do ato analítico – Política do ato analítico – Política do fim. *Textura- Revista de Psicanálise*, ano 8, n. 8, 2009.

JORGE, M. A. C. (Org.). *Lacan e a Formação do Psicanalista*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006, 288 p.

LACAN, J. *A direção do tratamento e os princípios de seu poder* (1958), in *Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, 937 p.

_____. *O Seminário – Livro 1 – Os Escritos Técnicos de Freud (1953-1954)*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.